

**“CIDADE ALHEIA”: OS PERCURSOS PELA REGIÃO PORTUÁRIA
EM *QUINCAS BORBA*, DE MACHADO DE ASSIS,
E *A FALÊNCIA*, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA**

Denise Estácio

Doutoranda na UFRGS

Resumo: A região portuária do Rio de Janeiro oitocentista possui profunda relação com o tráfico de africanos escravizados e representa, portanto, um espaço reprimido no inconsciente coletivo pelo processo de modernização da cidade. Essa imagem fica patente nos percursos que Rubião, protagonista de *Quincas Borba*, e que Gervásio Gomes, de *A falência*, fazem pela região. Embora o período narrado nas obras seja separado por cerca de vinte anos, em ambos os romances se percebe o estranhamento que a área provoca nos dois homens da elite fluminense, para quem trabalho encontra-se vinculado à escravidão, mesmo no contexto de substituição da mão de obra urbana escravizada pela de imigrantes. Por meio do mapeamento de ambos os percursos procuramos preencher as lacunas históricas presentes nos textos e que apontam para o escravismo como trauma histórico latente.

Palavras-chave: *Quincas Borba*; *A Falência*; Rio de Janeiro; região portuária; trauma histórico.

Abstract: The port region of nineteenth-century Rio de Janeiro has a profound relationship with the trafficking of enslaved Africans and, therefore, represents a space repressed in the collective unconsciousness by the process of modernization of the city. This image is evident in the routes that Rubião, protagonist of *Quincas Borba*, and Dr. Gervásio Gomes, from *A falência*, make through the region. Although the period narrated in the texts is separated by about twenty years, in both novels the area causes a sense of strangeness in the two elite men, for whom work is linked to slavery, even in the context of the replacement of urban slave labor by that of European immigrants. By mapping both paths, we seek to fill the historical gaps in the texts that point to the latent historical trauma of slavery.

Keywords: *Quincas Borba*; *A Falência*; Rio de Janeiro; Port region; Historical trauma.

A questão do espaço urbano na narrativa não só se relaciona aos eventos narrados como também ao contexto histórico que se articula com o texto externa e internamente. Partindo desse princípio, a pesquisa que embasa este artigo visa realizar a leitura – e também o mapeamento – da cidade ficcional entendida como um espaço intermediário entre o real e o imaginário.

Este trabalho utiliza-se de um tipo específico de uso da cidade na narrativa: o percurso urbano. O percurso, por meio dos deslocamentos das personagens na rua, coloca em evidência elementos da composição narrativa que tratem do caráter sensível do urbano na literatura. O passeio pelas ruas da cidade, portanto, permite que as personagens, qualquer que seja sua motivação, tenham a experiência do lugar, o que confere um vislumbre da rua em funcionamento, tornando-se um modo muito específico de incorporação do conteúdo histórico ao texto literário.

Ao mapear o Rio de Janeiro em três romances machadianos em minha dissertação¹ de mestrado, deparei-me com dois percursos em *Quincas Borba* que se destacam pela extensão e pela minúcia, em uma obra em que o detalhamento do contexto urbano é primoroso. O primeiro é um *flashback* de Rubião, em que ele relembra assistir uma execução quando de uma visita ao Rio de Janeiro em sua juventude, que discuto em trabalho anterior (cf. 2020).

O segundo percurso é o longo passeio do protagonista a partir da praia Formosa pela região portuária, após uma visita a um enfermo, Freitas. Ele tem início com Rubião deixando a casa do adoentado amigo na praia Formosa, que, na orla da Baía de Guanabara, unia-se a São Cristóvão pela ponte que marcava o final do Canal do Mangue, onde desaguavam os rios Maracanã e Joana. Rubião efetua um trajeto cuja relação temporal e espacial está perdida para o leitor contemporâneo, visto que se passa em uma região completamente alterada pelos diversos aterramentos ocorridos ao longo dos anos, permanecendo como uma cicatriz no traçado urbano atual.

¹ *Título da dissertação* (2019). Este trabalho, apresentado como uma comunicação no Congresso Abralic 2020, aprofunda o assunto discutido no capítulo final da dissertação ao mesmo tempo em que introduz a análise comparativa entre o texto machadiano e o de Júlia Lopes de Almeida.

Em minha tese, pretendo prosseguir com a investigação do Rio de Janeiro literário, focando, porém, nos anos iniciais da República. Entre as obras estudadas, encontra-se *A Falência*, de Júlia Lopes de Almeida. Durante a leitura desse romance, chama a atenção um percurso realizado pelo dr. Gervásio Gomes pela mesma região, em sentido oposto ao de Rubião.

Publicado na revista *A Estação*, entre 1886 e 1891, a redação inicial de *Quincas Borba* levou cinco anos, durante os quais foi promulgada a Lei Áurea e proclamada a República. Os acontecimentos narrados no romance possuem como pano de fundo histórico as mudanças sofridas pela então Capital Federal na passagem da década de 1860 para a de 1870, entre elas o fim da Guerra do Paraguai, as demandas abolicionistas que culminariam com a promulgação da Lei Rio Branco e o fortalecimento do movimento republicano. No período narrado no livro, entre 1867 e 1871, o Rio de Janeiro era uma cidade em transição, partindo de uma sociedade de caráter rural para adentrar um sistema capitalista incipiente, com o surgimento de uma nova elite urbanizada que secularizava e produzia novas formas de interação social. O declínio da população urbana de escravizados e sua progressiva substituição por imigrantes europeus marca uma fase do mercado de trabalho a que Alencastro (1988, p. 43-44) chama de luso-africana, em que os cativos se encontravam em “situação mais próxima da servidão doméstica que da escravidão” e em que “[emergia] uma camada social cuja estratificação tinha sido retardada pela escravidão urbana”, a do proletário europeu (Alencastro, 1988: 50).

Já o romance de Almeida, *A Falência*, foi publicado diretamente em livro em 1901, com o Rio de Janeiro, ainda a capital do agora republicano Brasil, em pleno furor higienista e modernizante que culminaria no Bota-abixo de Pereira Passos. No entanto, a ação se passa entre 1891 e 1893, e gira em torno da família de Francisco Teodoro, um imigrante português enriquecido pelo comércio de café – uma espécie de Miranda² ingênuo – em uma

² Embora a crônica de enriquecimento do português João Romão de *O Cortiço* se aproxime do contexto histórico de *Quincas Borba* – ambos os romances se passam no início dos anos 1870 – a centralidade de imigrantes portugueses e a narrativa naturalista aproximam o romance de Júlia Lopes de Almeida ao de Aluísio Azevedo. Miranda, personagem secundário, é o imigrante bem estabelecido no comércio que, casado com uma brasileira para ascender socialmente, é traído por ela. É o pai da jovem que acabará interessando a João Romão quando o protagonista resolve se casar, em um movimento que repete o de seu sogro. Francisco Teodoro, por outro lado, casa com Camila para garantir herdeiros a seu legado. Busca no casamento não a ascensão social, mas a aparência exterior de seu sucesso. Apaixonado por ela, desconhece o adultério da esposa.

cidade que capitaneava o desejo de modernização de uma nação cujas marcas do recente passado monárquico e escravista ainda não se haviam apagado de todo.

Machado de Assis desenvolve, em *Quincas Borba*, um narrador heterodiegético intruso, que estabelece uma interlocução de desigualdade com o leitor, ao mesmo tempo em que estrutura o romance em capítulos curtos, cujas interrupções e comentários do narrador conferem uma aparência de fragmentação ao texto. A narração de Almeida, por outro lado, possui marcado teor naturalista, embora apresentada por uma “perspectiva compassiva e piedosa” por parte do narrador (Zilberman, 2018: 32).

Em ambos os casos, o Rio de Janeiro é o ambiente em que os eventos narrados se passam e cuja representação realista confere verossimilhança e concretude aos romances, mesmo que em diferentes composições narrativas. Segundo Zilberman (2018: 11), quando Almeida publicou esse livro, Machado de Assis “encontrava-se na plenitude de seu trabalho criador, gozando de justa celebridade e afirmando um modelo de ficção urbana de recorte memorialista que encontrará no texto de *A Falência* um interlocutor à altura”. O uso do espaço urbano fluminense, portanto, pode ser compreendido como elemento de aproximação entre as obras.

Nos percursos aqui estudados, Machado e Almeida apresentam o olhar de dois homens de elite para a mesma área, um vindo de, e o outro indo a uma visita a um enfermo. E não se trata de qualquer área: a região portuária do Rio de Janeiro oitocentista possui profunda relação com o tráfico de africanos escravizados e representa, por conta disso, um espaço em negativo no imaginário urbano. Trata-se de um espaço que teve de ser literalmente escavado no chão da cidade, soterrado que estava sob sucessivos aterramentos os quais não só o apagaram do mapa, como também da memória da população brasileira.

Os trabalhos arqueológicos que trouxeram o Cais do Valongo de volta de um passado “deliberadamente esquecido e enterrado”, como afirmam os responsáveis pela pesquisa e escavação em 2011 (Lima; Sene; Souza, 2016: 301), de certo modo, assemelham-se ao trabalho de desenterrar do texto literário o que Benjamin considera o componente reprimido pelo consciente coletivo: a violência oculta e esquecida, nas cidades, sob a aparência de modernidade. No caso brasileiro, essa violência está ligada diretamente ao

regime escravista que marcou as relações de trabalho da sociedade mesmo após a abolição. Nesse sentido, um passeio pela região do porto de maior do tráfico escravista do século XIX merece uma leitura que não seja ingênua.

O primeiro passo, após a leitura dos trechos dos romances, foi efetuar a demarcação dos percursos sobre o mapa da cidade, realizado por Edward Gotto (1871), em busca de uma percepção concreta do espaço percorrido. O detalhamento das ruas possui algumas lacunas em *Quincas Borba*, pois, embora o texto machadiano seja minucioso, Machado não se preocupava muito com uma descrição detalhada. Procurei preencher essas lacunas do modo que pareceu mais adequado à rota descrita. Júlia Lopes de Almeida, por outro lado, é bastante descritiva e o caminho percorrido pelo médico e por seu guia – o jovem Ribas, empregado do armazém de Francisco Teodoro – é cuidadosamente demarcado.

Para a localização de equipamentos e ruas, bem como a contextualização histórica dos locais identificados, consultei os trabalhos de Nireu Oliveira Cavalcanti (2016), de Brasil Gerson (1965) e o *Almanak Leammert*.

1 A região portuária do Rio de Janeiro no século XIX

A região portuária do Rio de Janeiro compreendia, ao longo do século XIX, o trecho da Baía de Guanabara que ia do Morro de São Bento à Ponta do Caju (Fonseca, 2019: 175). A praia do Valongo, que, desde o século XVIII, recebia o mercado de escravizados, passou a ser, no oitocentos, o principal ponto de chegada dos navios que traziam os africanos para o Brasil com o objetivo de afastar da região central a visão de homens, mulheres e crianças nuas e muitas vezes doentes. Depois de ficarem em quarentena no lazareto da Gamboa, os que não resistissem às moléstias e aos maus tratos e morressem no mercado eram enterrados no convenientemente próximo Cemitério dos Pretos Novos. Com mercado, lazareto e cemitério, constituía-se assim o complexo do comércio de africanos na área do Valongo (Lima; Sene; Souza, 2016: 307). Segundo Fonseca (2019: 174),

a escravidão marcou a região em todos os sentidos: muitos dos barracões onde eram recebidos os escravos foram adaptados para serem novas e limitadas infraestruturas portuárias. As habitações mais pobres e precárias da cidade estavam lá e recebiam os escravos que acabavam de chegar da África. Tudo o que o governo monárquico ou a administração municipal consideravam como estorvo se dirigia para aquelas freguesias ou lá encontrava solução.

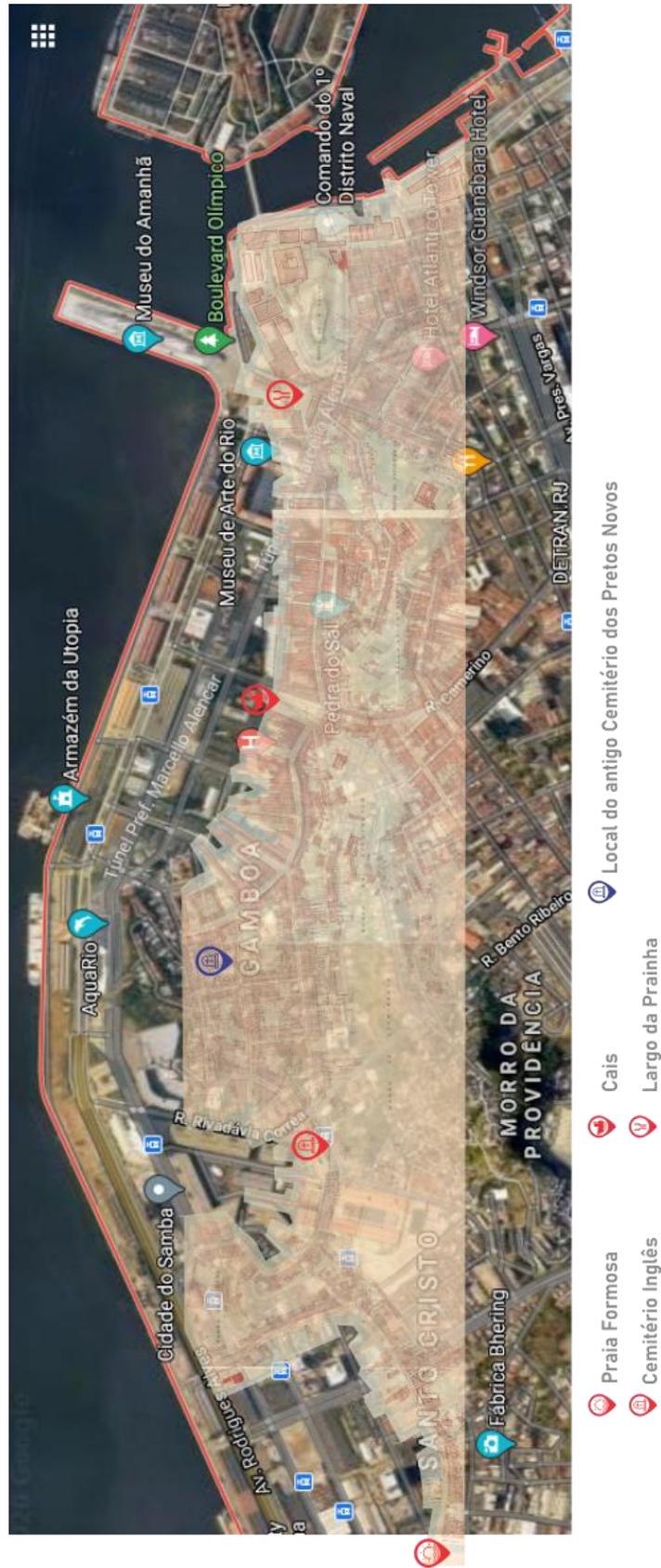
Em 1843, o Cais do Valongo foi reformado para receber Teresa Cristina Maria de Bourbon, princesa das Duas Sicílias, esposa de D. Pedro II, com quem ele casara por procuração. O novo atracadouro recebe o nome de Cais da Imperatriz e o Cais do Valongo, com a marca de seu incivilizado comércio, foi desativado e esquecido em mais uma tentativa de esconder o que se considerava o “estorvo” do passado em uma nação que pretendia se mostrar moderna. A partir de meados do século, com a Lei Eusébio de Queiroz e a extinção do negócio negreiro, o porto passou a atender à crescente demanda de importação de produtos industrializados e de exportação da produção agrícola brasileira. Assim, marcado pela construção de trapiches, atracadouros e armazéns particulares de capacidade bastante heterogênea,

três características podem dar conta de defini-lo: era essencialmente escravo no primeiro momento e, aos poucos, se tornou escravo/liberto e imigrante; era feito pelos cativos dos armadores ou dos proprietários de unidades portuárias, assim como pelos escravos de ganho ou alugados por estes e, lentamente, se tornou livre e, majoritariamente, avulso; sempre foi, marcadamente, precarizado, insalubre, arriscado, duro, barato, pobre e, literal e figurativamente, à margem. (Fonseca, 2017: 596).

Com o advento da República, o cais do porto passa a fazer parte das obras de modernização higienista que caracterizaram o “Bota-abaixo” na então Capital Federal. Entre 1903 e 1908, foi efetuado o aterramento da área que, com terras retiradas do desmonte do Morro do Senado e uma extensão final de 3.500 metros (Gerson, 1965: 238), apagou do mapa o antigo porto do Império e definiu seus contornos atuais (Fig. 1).

As duas narrativas analisadas possuem em comum o fato de desenharem, inicialmente, uma paisagem pitoresca que logo se transforma com o desconforto provocado pela percepção da pobreza ao redor. Embora o período narrado nas obras seja separado por cerca de vinte anos, ambos os romances compartilham a noção de estranhamento que a área provoca tanto em Rubião como em Gervásio.

Figura 1. Região portuária do século XIX sobreposta à estrutura urbana atual



Fonte: Adaptado de GOTTO (1871) e do Google Maps

2 O percurso de Rubião

Ocupando todo o Capítulo LXXXVI, o passeio de Rubião (Fig. 2) começa com ele regozijando-se por não estar inválido como seu amigo. Assim como no percurso do enforcamento, esse passeio está completamente conectado com o lado mais cruel da realidade fluminense durante o Império. A personagem abandona a idílica Praia Formosa – cuja beleza e cuidado relacionavam-se diretamente com a proximidade de São Cristóvão e da Quinta da Boa Vista⁵ – para adentrar o espaço dos desvalidos e empobrecidos da cidade:

a orla da Saúde já era habitada por pescadores livres e escravos. com a expansão do porto naquela direção, muitas dessas habitações mais próximas da praia foram se deslocando para o interior da freguesia de Santa Rita (nas partes mais úmidas da região, próximas ao mangue). (Fonseca, 2019: 177).

Assim, a paisagem se modifica quando ele chega ao Saco do Alferes, e as pessoas mostram-se espantadas com a presença de um cavalheiro bem vestido no local: “Vinham as casas edificadas do lado do mar. De quando em quando, não eram casas, mas canoas, encalhadas no lodo, ou em terra, fundo para o ar. Ao pé de uma dessas canoas, viu meninos brincando em camisa e descalços, em volta de um homem que estava de barriga para baixo” (Assis, 2008: p. 837, v. 4). A narrativa, em tom sério e objetivo, chama a atenção, pois, inicialmente, segue o olhar de Rubião e desenha uma paisagem pitoresca, contando a história da brincadeira das crianças com o pescador. No entanto, logo o narrador informa que Rubião “não distinguia nada; via tudo confusamente” (Assis, 2008: p. 837, v. 4). Na historieta das crianças brincando na praia barrenta, o narrador se afasta de Rubião e focaliza o grupo de garotos, que, por sua vez, passa a olhar para o estranho com espanto, em um movimento de espelhamento que não se concretiza, pois o mineiro se recusa a perceber o que vê e segue em frente.

Mais adiante, após cruzar para a rua da Saúde, Rubião não pode mais deixar de negar o que que está diante de seus olhos: “Viu ruas esguias, outras em ladeira, casas apinhadas ao

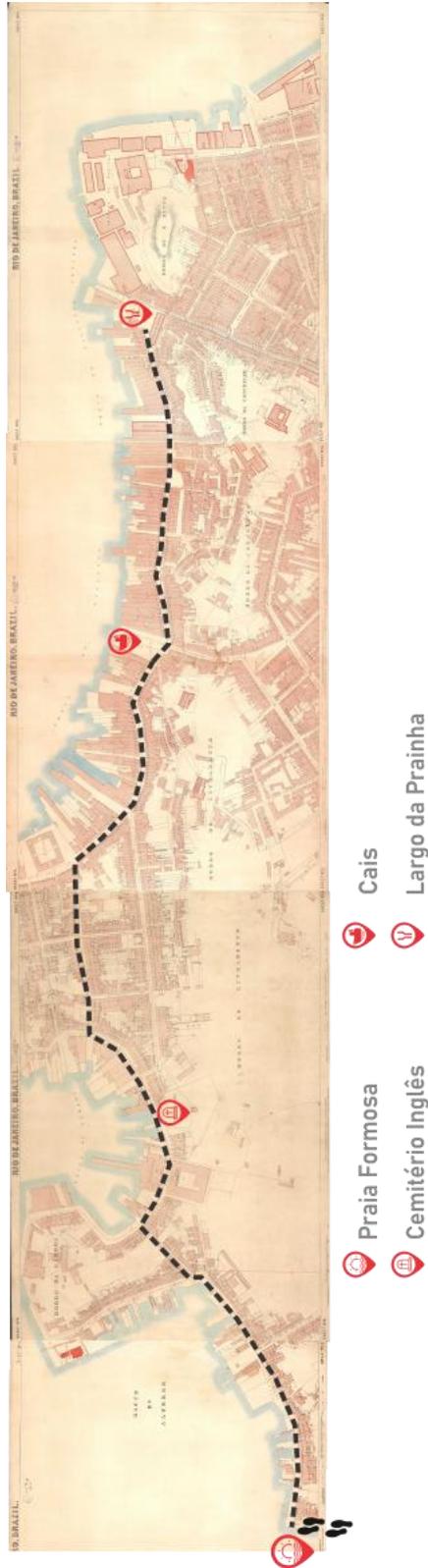
⁵ A Praia Formosa, que ia do Saco do Alferes até Ponte dos Marinheiros, era parte do chamado Saco de São Diogo (ou Enseada de São Cristóvão) e foi eliminada do mapa com obras de aterro na região do Cais do Porto, a partir de 1879. Antes disso, a região sofreu inúmeras melhorias na primeira metade do século para embelezamento do trajeto entre a Quinta da Boa Vista e o Paço, entre elas o aterro do mangue, que se estendia do Saco de São Diogo até quase o Campo de Santana, e a abertura, pelo Barão de Mauá, do Canal do Mangue na “antiga vala que corria entre as duas ruas do ‘Aterrado’: a de S. Pedro e a do Sabão da Cidade Nova” (Gerson, 1965: 209 e 229ss). Durante as reformas de Pereira Passos, no início do século XX, a enseada seria totalmente aterrada e a Praia Formosa apagada da memória da cidade. Hoje, ela dá nome a uma estação do VLT.

longe e no alto dos morros, becos, muita casa antiga, algumas do tempo do rei, comidas, gretadas, estripadas, o cais encardido e a vida lá dentro” (Assis, 2008: p. 837, v. 4). A narrativa toma a forma de enumeração descritiva⁶, e tempo e espaço se desconectam na velocidade catalográfica que se segue.

Ao final, Rubião revela que a visão da região do comércio de escravos no Rio lhe trouxe uma certa “nostalgia do farrapo” (Assis, 2008: 837, v.4), o que remete ao início do livro, quando ele revela sua preferência por “seus crioulos de Minas” (Assis, 2008: 762, v.4), mas acaba cedendo aos novos costumes, incutidos pelo casal Palha, e contrata criados brancos. Ele termina o passeio, retorna ao tálburi e pensa: “Era tão bom não ser pobre!” (Assis, 2008: 837, v.4).

⁶ Enumeração de elemento após elemento na narrativa de modo a que se crie uma impressão de descrição. O movimento funciona como uma tomada panorâmica e gera quadros que fixam a realidade concreta da cidade ao mobilizar as referências do próprio usuário-leitor.

Figura 2. O percurso de Rubião



Fonte: Adaptado de GOTTO (1871)

2 O percurso de Gervásio

No capítulo IV de *A Falência*, o dr. Gervásio Gomes vai, como um favor a Francisco Teodoro, visitar um dos empregados do armazém que se encontra doente. O português afirma que o médico “nesta parte da cidade, olhe que é mais estrangeiro do que eu!” (Almeida, 2018: 110) e determina que ele aceite como guia um jovem empregado do armazém, Ribas. Eles adentram a rua da Saúde pelo lado oposto ao de Rubião, a partir do Largo da Prainha (Fig. 3). De fato, o médico reage ao entorno como um *flanêur* estrangeiro (Zilberman, 2018: 35) em sua cidade e sua descrição se assemelha à do mineiro Rubião:

A novidade do meio dava-lhe um prazer de viagem: becos sórdidos, marinhando pelo morro; casas acavaladas, de paredes sujas; janelas onde não acenava a graça de uma cortina nem aparecia um busto de mulher; caras preocupadas, grossos troncos arfantes de homens de grande musculatura, e ruído brutal de veículos pesados, faziam daquele canto da sua cidade, uma cidade alheia, infernal, preocupada bestialmente pelo pão. (Almeida, 2018: 111).

Em dado momento, seu guia pelo inferno vê-se envolvido em uma briga, e então o médico segue sozinho pela rua da Saúde até as Docas – o antigo cais do Valongo –, curioso e enjoado ao mesmo tempo pelos aromas e sujeiras do que ele chama de “ventre repleto da cidade” (Almeida, 2018: 113). Encontrado por Ribas em plena contemplação da movimentação do cais, retorna com ele até a rua Funda, onde habitava o enfermo Mota e sua filha. Gervásio descreve a impressão que a pobreza da região lhe causa:

Aquela rua Funda, subindo estreita pela encosta do morro da Conceição, ladeada de casas de altura desigual, de onde em varais espetados pendiam roupas brancas recentemente lavadas, desenhando-se negra no fundo muito azul do céu, lembrava-lhe uma viela de Nápoles velha, onde o pitoresco não é por certo maior, e de que ele tinha uma aquarela em casa. (Almeida, 2018: 114).

Por coincidência, é na mesma Nápoles que Walter Benjamin encontra contraponto à modernização das grandes cidades. A descrição que o filósofo faz da cidade italiana – cinzenta contra o azul do céu e do mar (Benjamin, 1992: 16), onde, no porto carioca, é negra –, em muito se assemelha à de Gervásio, pois provoca ao olhar burguês do norte da Europa uma percepção tão ambígua como a do médico. O pitoresco daquele outro Rio de Janeiro provoca uma curiosidade carregada de repulsa, em que “tudo se dissipava e se fundia numa impressão de mar e lixo” (Almeida, 2018: 120), numa indiferenciação própria de quem, possuindo “pelos homens um interesse medíocre” (Almeida, 2018: 115), não captasse o sentido da pobreza para além do estranhamento que causava nele. Ao circular neste trecho de sua própria cidade como um turista burguês que, indo “a Roma de obra em arte em obra

de arte como se tateando uma paliçada, não se sente bem em Nápoles”⁷ (Benjamin, 1992: 14), a personagem enxerga o que Benjamin chama de “cenário popular” na arquitetura da pobreza, porém, sem compreender as formas diante de si, assim como Rubião, pouco vê⁸.

⁷ No original: “El viajante burgués que va hasta Roma de obra de arte en obra de arte como tanteando una empalizada, no se siente bien en Napoles”. Tradução minha.

⁸ No original: “Porque quien no comprende las formas, aquí verá poco” (Benjamin, 1992: 16).

Figura 3. O percurso de Gervásio



Fonte: Adaptado de Gotto (1871)

3 A cidade escravista e o trauma histórico reprimido

O ponto de vista do médico preenche algumas lacunas que a reserva de Machado de Assis com a prosa descritiva deixa em suspenso em seu texto, especialmente no modo como o olhar forasteiro do mineiro Rubião assemelha-se à visada do carioca Gervásio. Há um quê de náusea disfarçada por um falso encanto pelo pitoresco, pelo exótico que torna estranho o conhecido.

Rubião, ao final de seu passeio, no conforto do tálburi, afirma: “sim, senhor, isto aqui é bonito, é curioso; aquelas praias, aquelas ruas, é diferente dos outros bairros. Gosto disso. Hei de vir mais vezes” (Assis, 2008: 838, v.4). Sabemos que ele não voltará mais. Gervásio, por outro lado, decidindo andar mais para “fixar o bairro” não pode negar o desconforto: “Tinha a impressão de atravessar por meio de ruínas; parecia-lhe que em toda aquela rua não haveria um único caixilho com vidros, uma única chave sem ferrugem, uma única dobradiça perfeita. Era o resto de uma cidade” (Almeida, 2018: 117).

Que restos são esses que fazem com que Gervásio não mais reconheça ali uma cidade inteira, mas ruínas de algo que se encontra soterrado sob aquele espaço? Miguel Vedda (2013: 83-84) afirma que, para Benjamin, a porosidade e a penetração da vida em Nápoles “são apenas visíveis, em Paris ou Berlim, para o pesquisador que procura os vestígios de historicidade enterrados sob o fetiche de progresso”⁹. A grande cidade moderna passa por um processo de apagamento dos elementos que perturbem seu desejo de modernização ao longo de sua história, elementos que resistem na forma de cicatrizes no traçado urbano e que permanecem nos registros artísticos, no caso de pinturas, de fotografias ou do texto literário, como testemunhos “do amontoado de ruínas” do progresso de que fala Benjamin (1994: 226). No caso do porto escravista do Rio de Janeiro,

por decisão direta do Imperador D. Pedro II, [...] sobre o Cais do Valongo foi construído um novo atracadouro, renomeado como Cais da Imperatriz, relegando seu antecessor ao esquecimento.

⁹ No original: “La porosidad (*Porosität*) y la penetración (*Durchdringung*) que tan abiertamente se manifiestan en Nápoles solo resultan visibles, en París o Berlín, para el investigador que busca las huellas de historicidad soterradas bajo el fetiche del progreso”. Tradução minha.

A república nascente, no bojo do seu compromisso com a modernidade, soterrou um emblema do Império, promovendo mais uma vez, tal como este último fizera em relação ao Valongo, o apagamento de uma etapa que se pretendia definitivamente ultrapassada e, tanto quanto possível, esquecida. (Lima; Sene; Souza, 2016: 301).

Em *Quincas Borba*, visita-se o Cais da Imperatriz que suprime o do Valongo, porém o escravismo ainda é uma presença na vida das personagens machadianas. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, é no Valongo que Brás Cubas encontra Prudêncio, o moleque de sua infância agora alforriado e proprietário que replica a crueldade recebida. Em *A Falência*, a área ainda ilustra uma sociedade “com uma lógica escravista e que foi se inserindo no mundo onde o capitalismo tendia a dominar” (Fonseca, 2017: 593), uma lógica ainda presente em nossos dias, marcando a permanência do escravismo muitos anos após sua extinção no Brasil.

A desativação do mercado de escravos não eliminou o trabalho dos africanos e de afrodescendentes durante o Império, tampouco durante a República. O olhar nauseado de Gervásio para os trabalhadores da região aponta para o “uma cidade, tomada de assalto por gente expatriada, resignada a tudo: ao pão duro e à sombra de qualquer telha barata” (Almeida, 2018: 117), um povo que “negrejava suando, compacto e esbaforido” (Idem: 52) no armazém de Francisco Teodoro.

Sigfried Kracauer (2009: 54), tratando de Marselha, descreve que

nas cavidades esponjosas do bairro portuário a fauna humana formiga e nas Poças o céu está imaculado. [...] A massa de humanos, na qual pessoas de diferentes nações se misturam, é afogada por avenidas e ruas repletas de bazares. Elas definem os limites dos bairros, para os quais a afluência de pessoas se dispersa.

Ele percebe o contexto dos trabalhadores franceses como “uma versão popular do grande mundo” (Kracauer, 2009: 57), característica do contexto europeu de capitalismo: nas avenidas e bazares, a diferença social é demarcada pela posição ocupada pelos sujeitos na cadeia produtiva capitalista. A substituição incompleta da mão de obra africana e afrodescendente pela de imigrantes europeus na região portuária carioca, porém, desenha uma paisagem diversa daquela das cidades portuárias europeias: o trabalho em si é, ainda em grande parte, a marca de distinção social e o elemento a ser ocultado na cidade. Almeida (2009: 52) o vê como uma “orquestra barulhenta e desarmônica”; Machado de Assis (2008: 837, v.4) o esconde dentro das Docas D. Pedro II: “a vida lá dentro” é silenciosa e suprimida. Desse modo,

o trauma histórico do escravismo é percebido, em dois momentos diferentes, em uma cidade que se moderniza de modo desigual.

Em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud (2018) afirma que o trauma histórico é um processo análogo ao da gênese das neuroses, em que um trauma desencadeia um sistema de defesa o qual, após um período de latência, acaba por suscitar a doença neurótica pelo retorno do reprimido. No caso discutido por ele, a humanidade encontra no assassinato do pai primevo – repetido, no caso judeu, na figura paterna de Moisés – a origem de traumas primitivos. A culpa por esse crime primordial acompanha e molda a identidade judaica. Dessa forma, não apenas o monoteísmo judaico, como também sua continuação no cristianismo, ambos fundados na morte e substituição do pai, surgem dessas ruínas de lembranças.

Segundo Miguel Vedda (2013), Benjamin e Kracauer valem-se da análise da linguagem das cidades que, em suas ruas e edifícios, contam uma história reprimida sob a superfície das fachadas, como o conteúdo traumático no inconsciente social. Assim, as fachadas incompletas que Gervásio imagina apontam para a existência de uma falta, a falta do reconhecimento do crime primordial, do elemento reprimido pelo consciente da então capital: a escravização do africano, “a vida lá dentro” dos armazéns do cais em *Quincas Borba*. O soterramento de toda uma parcela da cidade vinculada à violência do escravismo sob camadas reais e metafóricas de esquecimento não impede, no entanto, que essa lembrança ressurgja nos textos literários como o retorno do reprimido. Não seria este, portanto, o elemento traumático que acompanha e molda a identidade dos homens livres brasileiros e de seus herdeiros posteriores, as classes médias e altas? Nesse caso, pode-se, então, reler o alívio de Rubião ao final do capítulo: ao regozijar-se por não ser pobre, no fundo, regozija-se por não ser escravo.

OBRAS CITADAS

Alencastro, Luiz Felipe. Proletários e escravos: imigrantes portugueses e cativos africanos no Rio de Janeiro, 1850-1972. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 21, p. 30-56, 1988.

ALMANAK administrativo, mercantil e industrial do Império do Brasil. 1844-1889. Rio de Janeiro: H. Leammert & C. Disponível em: <<http://www-apps.crl.edu/brazil/almanak>>.

- Almeida, Júlia Lopes de. *A fãlência*. Edição comentada: Regina Zilberman. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.
- Assis, Machado de. *Quincas Borba*. In: _____. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 4, p. 759-928.
- Benjamin, Walter. *Cuadros de un pensamiento*. Buenos Aires: Ediciones Imago Mundi, 1992.
- Benjamin, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.
- Cavalcanti, Nireu Oliveira. *Rio de Janeiro: Centro histórico colonial 1567 - 2015*. Rio de Janeiro: Andrea Johnson Studio, 2016.
- Estacio, Denise. *Mapeamento literário no romance machadiano: pressupostos para leitura de Quincas Borba*. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.
- Fonseca, Thiago Vinícius Mantuano da. Porto do Rio de Janeiro: um panorama da sua operação no século XIX. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, n. 13, p. 589-618, 2017.
- Fonseca, Thiago Vinícius Mantuano da. A região portuária do Rio de Janeiro no século XIX: aspectos demográficos e sociais. *Almanack*, Guarulhos, n. 21, p. 166-204, abr. 2019.
- Freud, Sigmund. Moisés e o monoteísmo. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. v.19, p. 13-188.
- Gerson, Brasil. *História das ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira, 1965.
- Gotto, Edward. *Plan of the city of Rio de Janeiro: Brazil/surveyed in 1866 under the direction of Edward Gotto*. London: Robert J. Cook, 1871. 1 atlas, 29 plantas, color., 28 cm x 42 cm. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart326448/cart326448.pdf>. Download em: 22 abr. 2013.
- Kracauer, Siegfried. *O ornamento da massa*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- Lima, Tania Andrade de; Sene, Gláucia Malerba; Souza, Marcos André Torres de. Em busca do Cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 24, n. 1, p. 299-391, jan.-abr. 2016.
- Vedda, Miguel. Calles sin recuerdo: la fenomenología de la gran ciudad em Siegfried Kracauer y Walter Benjamin. *Impulso*, v. 23, n. 57, p. 79-86, maio-set. 2013.
- Zilberman, Regina. Apresentação. Falência de uma sociedade, grandeza de um romance. In: Almeida, Júlia Lopes de. *A fãlência*. Edição comentada: Regina Zilberman. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018. p. 7-48.

Denise Estácio é Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2016), é mestra em Estudos de Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade (2019), com a dissertação *Mapeamento literário no romance machadiano: pressupostos para leitura de Quincas Borba*. Nessa universidade, atualmente, cursa o doutorado. Pesquisa a presença do espaço urbano na narrativa, com ênfase na Literatura Brasileira da passagem do século XIX para o XX.

Artigo recebido em 14/06/2021. Aprovado em 14/06/2021.